



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO



VANESSA LAYS OLIVEIRA DOS SANTOS

MÚSICA, EDUCAÇÃO E SOLIDARIEDADE:
PROJETO BRASIBES MUITO MAIS QUE ENSINO DE MÚSICA

Cuité - PB

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO



VANESSA LAYS OLIVEIRA DOS SANTOS

**MÚSICA, EDUCAÇÃO E SOLIDARIEDADE:
PROJETO BRASIBES MUITO MAIS QUE ENSINO DE MÚSICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos

Cuité - PB
2017





Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

S237m Santos, Vanessa Lays Oliveira dos.

Música, educação e solidariedade: projeto Brasibes muito mais que ensino de música. / Vanessa Lays Oliveira dos Santos. – Cuité: CES, 2017.

49 fl.

Monografia (Especialização em educação de jovens e adultos com ênfase em economia solidária no semiárido paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2017.

Orientadora: Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

1. Economia solidária. 2. Projeto musical - Brasibes. 3. Desenvolvimento social. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCG

CDU 330.873

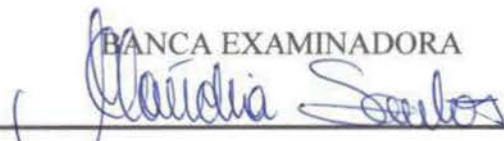
VANESSA LAYS OLIVEIRA DOS SANTOS

**MÚSICA, EDUCAÇÃO E SOLIDARIEDADE: PROJETO BRASIBES
MUITO MAIS QUE ENSINO DE MÚSICA**

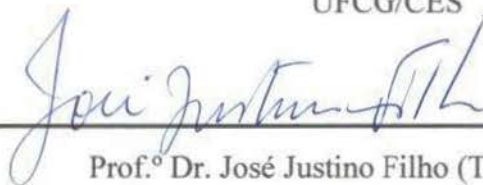
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do Grau de Especialista.

Aprovada em 25 de MAIO de 2017.

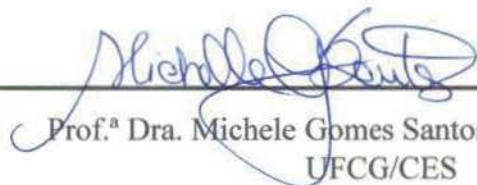
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Claudia Patricia Fernandes dos Santos (Orientadora)
UFCG/CES



Prof.^o Dr. José Justino Filho (Titular - Interno)
UFCG/CES



Prof.^a Dra. Michele Gomes Santos (Titular - Interno)
UFCG/CES

CUITÉ - PB
2017

UFCG/BIBLIOTECA

À madrinha Lourdes Barreto.

Mulher de visão futurista.

Seus ensinamentos me encaminharam para docência.

UFMG/BIBLIOTECA

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por estar conseguindo subir mais um degrau em minha vida, por me manter forte diante das dificuldades enfrentadas no final deste curso.

Ao meu pai-avô seu Manoel, que me amou como filha, e ao fim deste curso, foi morar com Deus, deixando um vazio e uma saudade imensa em meu coração.

A minha amada avó-mãezinha Dona Nenê, que depois de tanto tempo cuidando de mim, agora precisa além do meu amor, também dos meus cuidados.

Ao meu amor Israel Araújo, presente de Deus, meu companheiro fiel.

Aos meus amores, presentes de Deus, pedacinhos de mim, meus filhos Iara e Iuri.

A minha cunhada Islâne Araújo pelas inúmeras vezes que pegou livros emprestados na biblioteca do CES para mim.

Agradeço de uma forma especial a minha orientadora Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos, que aceitou colaborar para que esse trabalho fosse possível.

Agradeço ao professor Justino Filho e a professora Michele Gomes por aceitarem participar da banca, e pelas observações que muito contribuiu para o resultado final deste trabalho.

Ao presidente do Brasibes Marcos Silva, que sempre esteve presente colaborando de inúmeras maneiras para que esse trabalho fosse concluído, fica aqui meus agradecimentos a esse colega tão colaborativo e solidário.

Ao escritor Kydelmir Dantas, pela paciência, colaboração e incentivo, para realização deste trabalho.

Ao meu colega João Paulo, que sempre está disposto a me ajudar.

A todos os colegas do curso, que foram meus companheiros aos sábados, em especial aos colegas Jaldir, Ivanielma, Gabriela e Elizângela. E também aos colegas Ângela, Osmael e Leandro que iniciaram essa caminhada conosco, mas por motivos diversos seguiram outro caminho.

A todos muito obrigada!!!

Resumo

Este trabalho teve por objetivo abordar a importância e o crescimento da Economia Solidária no Brasil, como fonte de renda para diversos grupos sociais. Nossa pesquisa foi desenvolvida a partir da experiência sociocultural do projeto Brasibes de Nova Floresta-PB. Descrevemos o histórico geral do projeto, demonstrando os obstáculos enfrentados por esse grupo, descrevendo suas atividades desde sua criação até os dias atuais. Abordamos os conceitos que implicarão na indicação que o grupo encontra-se no rol dos trabalhos voltados para Economia Solidária, cujo resultado coletivo positivo é o principal objetivo: levar cultura e música aos mais carentes, ajudando na formação cidadã, além de descobrir novos talentos.

Palavras - chave: Economia Solidária, Projeto Musical, Desenvolvimento Social.

Abstract

This paper aims to approach the importance and growth of the Solidarity Economy in Brazil, as a source of income for various social groups. Our research was developed from the socio-cultural experience of Brasibes project in Nova Floresta-PB. We describe the general history of the project, demonstrating the obstacles faced by this group, describing its activities from its creation to the present day. We approached the concepts that will imply in the sign that the group is in the role of the works focused on Solidarity Economy, whose positive collective result is the main objective: Lead culture and music to the most needy, helping in citizen training, as well as discovering new talents.

Key - words: Solidarity Economy, Musical Project , Social Development.

Sumário

1. Introdução	9
2. Referencial Teórico.....	12
2.1 Experiências de Economia Solidária no Brasil.....	18
2.2 Cultura e Economia solidária.....	19
2.3 Empreendimentos de Economia Solidária.....	22
2.4 Economia Cultural Solidária: O caso Brasibes.....	25
3. Metodologia	26
4. Análise dos dados e Resultados.....	28
5. Considerações Finais.....	34
6. Referências.....	37
7. Apêndices – Questionários.....	39
8. Anexo I – Relatório de Imagens.....	43
9. Anexo II –Termo de Consentimento.....	49

1. Introdução:

O trabalho descreverá o trajeto do projeto de música Brasibes desenvolvido pela Associação Cultural de Educação Musical (ACEM) na comunidade de Nova Floresta-PB, desde a sua realização em dezembro de 2009 até os dias atuais.

Buscando mostrar que ele é uma ação de cidadania, de empreendimento coletivo que leva o ensino de música ao um público de idades variadas, mostrando que em qualquer tempo ou idade pode-se aprender algo novo, no caso desses componentes do projeto Brasibes, estamos nos referindo à aprendizagem de música, além de preparar jovens e adultos para esse talento, ajuda a afastá-los da marginalização e de outros tantos, como também colabora com a cultura da cidade levando música em suas apresentações, de forma gratuita.

Esse projeto foi Idealizado pela Senhora Maria de Lourdes Santos¹, que durante muitos anos vem se dedicando a trabalhos sociais com jovens, adultos e idosos, como também participação nos trabalhos da igreja católica de São Severino Bispo em Nova Floresta.

Com o apoio da família Ibes, o Brasibes foi desenvolvido e impulsionado pelo músico Marcos Silva que aceitou o desafio de iniciar este projeto, e se dedicar a ele juntamente com mais doze pessoas que se tornaram os fundadores do Brasibes, no dia 25 de dezembro de 2009 surgia o Brasibes, e se realizava como um sonho para muitas crianças florestenses.

Inicialmente o projeto foi criado para oferecer aulas de músicas e instrumentos gratuitos a crianças e adolescentes carentes, tendo como objetivo o acesso à cultura, o desenvolvimento intelectual, e social desses jovens. Este projeto desde então tem desenvolvido um grande trabalho no município de Nova Floresta.

A origem do nome Brasibes vem da junção das palavras Brasil + Ibes, sendo uma forma de homenagear a religiosa Ir. Mieke Ibes, da Holanda, que por mais de 30 anos realizou belíssimos trabalhos sociais de apoio ao desenvolvimento econômico e cultural da população carente de Nova Floresta. Após seu falecimento, seu sobrinho Teun Ibes, foi o responsável pela doação dos primeiros instrumentos musicais do projeto.

¹Maria de Lourdes Santos, 78 anos, conhecida como Lourdes Barreto, religiosa membro-fundadora do grupo Brasibes, incentivadora da cultura em Nova Floresta, foi também coordenadora de diversos trabalhos sociais.



Oficinas de leitura musical e ensino de flauta fizeram dos alunos e colaboradores construtores de uma grande instituição, não de bens, mas de ações culturais. Em 2011 o grupo gravou o primeiro CD, foi um momento de grande alegria, pois sabiam das dificuldades para realizar este sonho, e conseguiram fazer que crianças de bairros simples de Nova Floresta, fossem autorizadas a gravar músicas, pelas gravadoras de Padre Zezinho, Paulinas e Fermata, esta última detentora dos direitos das músicas de Luiz Gonzaga.

Atualmente, o projeto criou oficinas de músicas de instrumentos diversos que funcionam com cinco professores voluntários, os quais atendem a comunidade em geral. Os alunos agora se inscrevem-se por meio de edital de chamada para os cursos de: Escaleta, saxofone, contrabaixo, teclado, percepção musical, violão e flauta doce. E esses cursos transformam e encaminham crianças, jovens e também adultos não só de Nova Floresta, mas da região.

No último edital lançado, foram oferecidas cinquenta vagas e o valor da matrícula era de dez reais, no ato da inscrição. Essas oficinas são realizadas na sede do Brasibes, que é um local cedido por um dos sócios Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira², que ao conhecer o projeto Brasibes, ficou deslumbrado. A sede do Brasibes é batizada pelo nome de Angelita Dantas de Oliveira³.

Descrevemos o perfil e as ações do projeto Brasibes, desde sua criação até os dias atuais, buscando semelhanças nos empreendimentos solidários e nos quatro pilares da economia solidária que é a cooperação, autogestão, solidariedade e viabilidade econômica, mostrando a importância do trabalho coletivo, do crescimento pessoal que tanto professores como alunos estão adquirindo no convívio uns com os outros, e usando essa aprendizagem para o crescimento profissional, mas também mostrando para a comunidade a importância da música na vida das pessoas, e como isso pode ser benéfico para o crescimento desses alunos no município de Nova Floresta-PB.

Falamos de suas estratégias, conquistas e desafios transpostos e ainda enfrentados pelo grupo que faz o projeto acontecer. Buscaremos entender quem são os sujeitos de criação, aqueles que apoiam e toda a clientela. Por meio de questionários, pautaremos

² Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira, 58 anos, funcionário aposentado da Petrobras e também escritor apaixonado pela cultura nordestina.

³ Angelita Dantas de Oliveira (1934-2012). Mãe do escritor Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira, e também escritora. Foi a primeira diretora estadual nomeada do município de Nova Floresta, no ano de 1959. Publicou a Educação em Nova Floresta, no ano de 2002, onde apresentava uma cronologia histórica do município.

nosso trabalho relatando o que foi dito e experimentado pelos colabores e participantes do projeto e suas oficinas.

Escolhi escrever sobre o Brasibes, porque fiquei encantada com o projeto, sempre soube de sua existência, mas quando realmente fui pesquisar sobre ele, descobrir sua beleza, sendo assim escrevi para que mais pessoas tomassem conhecimento deste belo trabalho, que é desenvolvido para os florestenses e região.

É importante divulgar as experiências que são boas e que deram certo, para que possam ser tomadas como referências em outras situações parecidas, Também foi uma forma de analisar a ligação entre economia solidária e o Brasibes, buscando descrever os impacto sociais positivos dessas ações na vida das pessoas que participam ou participaram do projeto, seja como aluno, professor ou sócio. Esperamos que o Brasibes tenha uma maior abrangência, e que muitas outras pessoas saibam da sua existência e qualidades e que o projeto possa crescer e se desenvolver cada dia mais.

2. Referencial Teórico

A trajetória da EJA no Brasil está ligada às práticas de ensino do educador Paulo Freire, que nos anos de 1960 foram aplicadas em Angicos, cidade do Rio Grande do Norte e como o método⁴, obteve muito sucesso, foi desenvolvido para todo Brasil, sendo aplicado por diversos grupos populares. O método desenvolvido não se tratava de juntar sílabas e mecanizar os estudantes, ao contrário seu método era para que as leituras, fossem voltadas para o cotidiano dos alunos, para que fossem valorizadas suas histórias de vida, experiências e opiniões.

A prática Freireana, dava grande importância à compreensão do aluno, de forma que ele conseguisse aplicar em sua vida aquilo que aprendera em sala de aula. E esse aplicar na vida cotidiana se refere a usar o que foi ensinado, para transformar a sua vida, para tornar os alunos cidadãos críticos, sabedores dos seus direitos e deveres, isto seria um “ensinar” para a vida, não somente mecanizar os estudantes da EJA, pois muitos deles não encontravam no modo tradicional de ensino incentivo, a motivação para continuar, o que tornava todo processo cansativo e desinteressante.

Freire pensou uma educação de duas vias, que fizesse sentido sim, não “despejasse” tudo na cabeça do aluno e aquele que conseguisse reproduzir tudo seria o mais bem aplicado. Deve haver sim uma relação professor aluno, segundo Freire:

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizando assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem. (FREIRE, 2002, apud Lopes, Souza, 2005, pág.11)

E devemos também ter noção da pluralidade de quando falamos dos estudantes da EJA, pois falamos de um público variado, desde estudantes mais jovens que por algum motivo acabaram nessa modalidade de ensino, como também estudantes com mais idade. Isso é uma das dificuldades para o professor da EJA, é uma realidade alunos com faixas etárias que vão dos dezoito até os sessenta anos, Por isso, muitas escolas tentam

⁴O Sistema Paulo Freire, desenvolvido na década de 60, teve sua primeira aplicação na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. E, com o sucesso da experiência, passou a ser conhecido em todo País, sendo praticado por diversos grupos de cultura popular. (Lopes, Souza, 2005).

minimizar essa situação agrupando os estudantes por faixa etária, sempre que podem, para que, dessa forma, o trabalho seja mais viável e conseqüentemente o “aprendizado” seja maior.

De forma geral, segundo CRUZ (2016), se percebe que durante muito tempo na história, os preconceitos da classe dominante “vendiam” a ideia que não era necessário nem vantajoso investir na qualificação e no ensino de trabalhadores e jovens, afastando na medida do possível o ponto de vista daqueles que achavam importante o ensino da EJA. Segundo a elite, esses indivíduos já tinham encontrado seu destino na sociedade e precisava aceitar essa desigualdade social, que era mais propício o investimento na educação de base e na educação infantil.

No Brasil, esta realidade resulta do caráter subalterno atribuído pelas elites dirigentes à educação escolar de negros escravizados, índios reduzidos, caboclos migrantes e trabalhadores braçais, entre outros. Impedidos da plena cidadania, os descendentes destes grupos ainda hoje sofrem as conseqüências desta realidade histórica. Disto nos dão prova as inúmeras estatísticas oficiais. (CONAE, 2000, pág. 6)

Com isso percebemos que esse é o Brasil dos pares opostos, assim como temos urbano/rural, litoral/sertão, também temos alfabetizado/analfabetos, letrado/iletrados. Infelizmente essa é a grande realidade, para muitos desses alfabetizados o acesso à leitura é mínima e o máximo que fazem é assinar o nome, justamente o que a elite da época queria, e ainda quer, massa política, poucos os que realmente fazem uso da leitura diariamente e a utilizam para seu dia a dia, para seu sustento, como por exemplo: conseguir trabalho, usar as leis para melhores condições de vida. Somente a partir da revolução industrial tomou-se outro posicionamento em relação ao ensino dos trabalhadores, tentando tirá-los da marginalidade, claro pensando muito mais no bem da indústria, que no bem do funcionário.

No Brasil, praticamente após a década de 1950 começa o ensino para jovens e adultos, assim segundo Cunha: “As pessoas analfabetas eram incapaz de votar ou ser votada. O fim do Estado Novo trouxe ao país uma necessidade de aumento da quantidade de eleitores”. (CUNHA 1999, apud CRUZ 2016), a partir daí foram aparecendo projetos voltados para esse público, porém ainda precário como o que alfabetizava em três meses, destinado mais a população rural, tendo apenas o professor como transmissor do conhecimento, que às vezes era mal remunerado ou até voluntário.

A partir da década de 1950 surgia a nova pedagogia de Paulo Freire, que valoriza a realidade e as vivências do educando que até hoje é conhecida pelos cantos do país. Segundo Paulo Freire (2005), não deveríamos continuar com uma educação bancária que depositava um conhecimento sem nenhuma responsabilidade com a realidade do aluno. Infelizmente a elite brasileira não quis observar essa real necessidade de uma alfabetização para a vida e a partir dela.

A preocupação de Paulo Freire com relação em educar para a vida, é uma temática a qual podemos fazer fáceis ligações com os dias atuais, estamos vivenciando uma enxurrada de tecnologias. Se antes era difícil para o analfabeto conviver em um meio letrado, imaginemos agora, a esse meio tecnológico. Então podemos pensar na educação para a vida de Paulo Freire: se faz necessária uma educação de inclusão, que prepare para vida. Não é interessante só estudar regras, podemos, além disso, ajudá-los a fazer uma interpretação melhor do mundo que se vive, não paramos para pensar que uma dona de casa pode se sentir feliz em poder utilizar um micro-ondas que acabou de comprar, mas que precisa da ajuda de familiares para utilizá-lo, ou então um aparelho celular para se conectar com o mundo virtual.

Imaginemos então se todas aquelas pessoas que ficam na fila do banco, esperando alguém entrar, com um jeitinho mais agradável para que possam pedir ajuda com a operação de saque, imaginemos essas pessoas sabendo utilizar o caixa eletrônico para essa finalidade. Seriam coisas simples aos nossos olhos, mas que gerariam grandes transformações para suas vidas. É aí que está o ensinar para a vida, podemos interligar a importância de aprender os números para descobrir qual ônibus utilizar, ou quantas parcelas seriam mais em conta na compra de um objeto, ou então, a importância da leitura, a magia de ler uma propaganda, coisas corriqueiras, com grande significado pessoais aos olhos dessas pessoas. Um ensino que valorizasse a experiência de vida que eles carregam e que os ajude a acrescentar, para que possa conviver melhor nesse mundo de/em transformação

É preciso que a sociedade compreenda que alunos de EJA vivenciam problemas como preconceito, vergonha, discriminação, críticas dentre tantos outros. E que tais questões são vivenciadas tanto no cotidiano familiar como na vida em comunidade. (LOPES, SOUSA, 2005, pág. 2)

Acreditamos que a EJA pode mudar o sentido da vida dessas pessoas, que na sala de aula podemos alimentar sonhos, não somente transmitir conteúdos, de forma mecânica,

afinal que aprendizado é esse? Nesse contexto, o professor é um indivíduo muito importante para que esses alunos se sintam à vontade, ele será o mediador, entre os estudos e esses alunos. É do professor que vai partir a demonstração das potencialidades da linguagem, dos números, do saber pensar. Então a partir dessa nova visão, eles podem ampliar seus conhecimentos, podendo assim, conseguir uma vida social mais equilibrada, fazendo sentirem-se mais capazes e importantes para o convívio na sociedade. Somos iguais independentes da nossa cor, raça, sexo ou religião e não podemos aceitar qualquer forma de discriminação e de preconceito, é preciso intervir, se faz necessária uma reparação igualitária com base nessa realidade histórica social que se refletiu e se refleti na vida de muitos indivíduos.

Com o golpe militar, o prejuízo para os homens sem letras continuava, apesar de o governo haver instalado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), pois era um projeto totalmente conservador com o objetivo de fazer uma alfabetização funcional, em seguida no ano de 1974, foi instaurado o CES (Centro de Estudos Supletivos) que dava certificação rápida, com um ensino tecnicista, mas sempre direcionado a um ensino prioritariamente com fins comerciais, não era objetivo qualificar e ajudar na formação cidadã desses trabalhadores.

Mais à frente, a década de 1980 foi marcada por pesquisas voltadas para educação de jovens e adultos e com a Constituição de 1988, passou-se a garantir o ensino fundamental e gratuito para todos. E, finalmente, a EJA, de acordo com a lei 9.394/96, passou a ser uma modalidade da educação básica, nas etapas de ensino fundamental e médio, usufruindo de uma especificidade própria, que oferecesse mais qualidade de ensino para os jovens e adultos que não conseguiram concluir os estudos, com melhor espaço na educação no Brasil, motivada também pelas conferências organizadas pela Unesco.

O Brasil continua exibindo um número enorme de analfabetos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta, no ano de 1996, 15.560.260 pessoas analfabetas na população de 15 anos de idade ou mais, perfazendo 14,7% do universo de 107.534.609 pessoas nesta faixa populacional. (CONAE, 2000, pág. 54)

Surgiram muitas dúvidas em relação à EJA, e foi necessária a criação das diretrizes da EJA para que a modalidade fosse entendida de uma melhor forma.

Duas teleconferências sobre a Formação de Educadores para Jovens e Adultos, promovidas pela Universidade de Brasília (UnB) e o Serviço Social da Indústria (SESI), com o apoio da UNESCO, contaram com a presença da Câmara de Educação Básica representada pela relatoria das diretrizes curriculares nacionais desta modalidade de educação. (CONAE, 2000, pág. 2)

Essa categoria de ensino, mesmo com todos os avanços, ainda sofre bastante, desde a qualificação de professores, ou a falta de material didático até o preconceito entre os próprios educadores. É notável o desinteresse de muitos professores que lecionam na EJA, ou até mesmo o descaso em escolher tais profissionais, para trabalhar com essa modalidade de ensino. É preciso formar bons professores com preparação para ensinar a essa clientela que está à margem da sociedade, é preciso não somente alfabetizá-los, mas educá-los na construção de um cidadão e isso implica em formação, cultural, econômica social e tecnológica, e mais os preparando para viver no mundo atual, onde ele possa conviver da melhor forma possível nesse meio, sejam eles aposentados, encarcerados, donas de casa entre outros. E a função Equalizadora da EJA é quem dar suporte e cobertura a essas pessoas.

A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação. Para tanto, são necessárias mais vagas para estes "novos" alunos e "novas" alunas, demandantes de uma nova oportunidade de equalização. (CONAE, 2000, pág.9)

E grande é a importância de um professor/mediador que busque para seus alunos essa interação com sua comunidade, suas crenças e seus costumes, sempre que possível. Essas pessoas não podem ser marginalizadas, pela sua condição de pouca escolarização. Somos conhecedores da riqueza oral que alguns grupos com sua diversidade e pluralidade vem enriquece o nosso Brasil, desde a literatura de cordel, o teatro popular, os repentistas, as festas populares, as festas religiosas entre outras, tudo isso é conhecimento e cultura que precisa ser valorizado.

Esta tarefa de propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida é a função permanente da EJA que pode se chamar de qualificadora. Mais do que uma função, ela é o próprio sentido da EJA. Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. Mais do que nunca, ela é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade

UFCCG/BIBLIOTECA

educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e adversidade. (CONAE, 2000, pág.11)

Visamos, neste trabalho, traçar caminhos nos trilhos de uma educação para jovens e adultos para além do ensino bancário, batizado por Freire e outros autores que, se pensarmos bem, encontram-se em caminhos paralelos com a economia solidária, com os empreendimentos solidários, com os grupos formais e informais, que trabalham a coletividade e igualdade, que traz avanços sociais de grande significação para a sociedade. Uma educação que forme sujeitos letrados, mais conhecedores dos seus direitos e deveres, capazes de se organizarem e realizarem trabalhos em cooperação entre trabalhadores comuns e/ou familiares, nas áreas urbanas e rurais, para facilitar atividades de produção, de crédito, de comercialização dos produtos por eles produzidos com uma ideia para além do lucro, buscando sim os excedentes/sobras.

Ou seja, visando resultados que possam socializar, melhorando o seu viver e de seus pares e não para o lucro individualizado dos grandes empresários. Esse processo de caráter solidário pode ser definido na lógica desenvolvida além de outros, nos objetivos do projeto de apoio a integração de economia solidária proposto pela Secretaria Nacional de Economia Solidária, o qual nos informa:

O caráter de solidariedade nos empreendimentos é expresso em diferentes dimensões: na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com um meio ambiente saudável e com o desenvolvimento sustentável dos biomas; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem estar dos trabalhadores/as e consumidores/as; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras; (...). (BRASIL, 2013)

Pensando nessa necessidade de adquirir conhecimento em qualquer idade, sem o preconceito de idade própria, porém de forma correta e relacionado com suas necessidades e potencialidades, na valorização do trabalho em conjunto, nas possibilidades do associativismo e no sentido mais amplo dos empreendimentos solidários, com esse intuito buscaremos entender a trajetória do começo até os dias atuais da associação de músicos de Nova Floresta o Brasibes, já que esse grupo possibilita oportunidade a jovens e adultos que queiram aprender música e cidadania, num ambiente comunitário colaborativo de ensino.

Neste aspecto estamos nos referindo ao ensino da prática cultural e como sabemos a cultura é uma prática de costumes, sendo pouco possível seu ensino sem o equilíbrio entre o professor e o educando e seu universo próprio, suas possibilidades técnicas. Por isso, de forma comunitária e sem uma visão comercial os resultados fluem de comum interesse, entre quem ensina e quem aprende e quem colabora para que esse ambiente seja crescente e permanente.

Nossas leituras nos levaram a problematizar esses ambientes: seus métodos, sua gestão, seus resultados fundamentados na teoria de empreendimentos solidários que por meio deles fazem mudar o presente e o futuro destes alunos e de sua comunidade. Estaremos confrontando à teoria discutida em nosso curso com a prática desenvolvida, suas aproximações e distanciamentos da economia solidária da nossa especialização.

2.1 Experiências de Economia Solidária no Brasil

Essas experiências de economia solidária concentraram-se no meio rural até os anos de 1980, e nas cidades se deu a um duplo processo, um deles foi à grande crise de 1982/83 quando muitas empresas inclusive as de grande porte entram em processo falimentar, gerando desemprego. Aos poucos surge a oportunidade de trabalhadores arrendarem a massa falida das empresas, oferecida pela legislação aos trabalhadores, preservando assim seu posto de trabalho. A partir daí surge a economia solidária, a parte crucial está em levar aos trabalhadores os princípios da economia solidária, já que ela surgiu como um meio viável para superar esse momento de crise difícil. O segundo processo é justamente quando começa essa a democratização do país, com as discussões onde grandes partes dos trabalhadores de diferentes especificidades iniciam as cooperativas e os movimentos sociais.

No processo de transformação duma empresa falida ou em vias de falir numa empresa solidária, há uma série de etapas cruciais. A primeira é ganhar a anuência dos próprios trabalhadores, que precisam se propor a trocar seus créditos trabalhistas por cotas de capital da «sua» nova empresa, o que só acontece se eles acreditarem de que são capazes de assumir coletivamente a gestão da empresa em crise e reabilitá-la. (SINGER, 2002, pág. 5)

É um período crítico essa fase onde os trabalhadores passam a ser os novos donos das empresas que eram empregados, a insegurança, o medo de não dar certo o empreendimento e acabar perdendo o pouco que tem para investir é bem complicado. Se

faz necessário uma confiança mútua, apoio entre os trabalhadores e também de grupos externos para solidificar e encorajar esses trabalhadores no processo de autogestão, passado esse período de insegurança, acontece a normalidade da cooperativa, onde muitos trabalhadores da clientela antiga que não participaram dessa transição, acabam retornando e logo novos trabalhadores são atraídos. Então as retiradas se tornam cada vez maiores e melhores, deixando os cooperados satisfeitos.

A questão crucial do processo está em levar aos trabalhadores os princípios da economia solidária, convencendo-os a se unirem numa empresa em que todos são donos por igual, cada um com direito a um voto, empenhados solidariamente em transformar um patrimônio sucateado num novo empreendimento solvável. (SINGER, 2002, pág. 3)

Em 1998 surgiu à primeira Incubadora como uma iniciativa do Centro de Pós-Graduação em Engenharia (Cope) da UFRJ, o que facilitou a expansão de muitas outras Incubadoras em Universidades Brasileiras, congregando atualmente 37 incubadoras. Podemos citar algumas como: A Central Única dos Trabalhadores conhecida como (CUT), Agência de Desenvolvimento Solidário (ADS), Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários (Unisol), Cooperativa Central de Crédito e Economia Solidária (Ecosol). A ADS foi criada em 1999, em dezembro, a parti de debates do sindicato cutista, já a Unisol foi fundada no ano 2000, para buscar melhorias econômicas sociais das empresas coletivas, ajudando a garantir a geração de trabalho e renda com dignidade para todos. Em 2004 a Ecosol surgiu com parceria com o Sebrae, congregando um conjunto de cooperativas de crédito, operando de acordo com os princípios da economia solidária.

Com a finalidade de articular experiências entre as cooperativas de economia solidária, foram criados os Fóruns Brasileiros de Economia Solidária (FBES), para que essa troca de vivências pudessem acontecer no território nacional e a partir daí representá-las junto aos governos, e em Fóruns internacionais. A criação dos fóruns foi muito bom para que as cooperativas pudessem trocar experiências e nessa troca de experiências, conseguissem ficar mais firmes.

2.2 Cultura e Economia Solidária

Cultura tem muitas definições, mas no geral identifica-se como registro de um grupo que vai se replicando ao longo do tempo, são saberes, são técnicas, são as crenças,

são as músicas. É inigualável o poder social da cultura, que pode ser material com a arquitetura, mas também imaterial, ligada com o convívio das pessoas, o cotidiano, com o saber fazer, com as relações sociais. É de grande importância escrever sobre cultura, no foco deste trabalho, citar a sua parte imaterial, que mesmo não pode ser tocado, manuseado, é algo transferível e construtor de outras faces/fazes culturais. A cultura não algo fixo, apesar de fundamentar-se na experiência, não é algo simples, pois cada grupo de pessoas seja onde for tem os seus costumes e quando isso se misturas outras maneiras se fortalecem e até mesmo se modificam.

A cultura está em constante construção, já que ela é volúvel no tempo e no espaço. Possui distintos significados ao longo da história, mas pode-se dizer que ela é uma construção dos homens, sendo uma manifestação no espaço, e que diz respeito à forma como o homem se relaciona tanto espacialmente quanto socialmente. Nesse sentido, a cultura é mutável e o contexto influencia na forma como a cultura é apropriada pelo indivíduo e pela coletividade. (INST. VOTORANTIM, 2012).

Quando falamos em economia solidária cultural, não nos referimos somente as sobras que esse grupo pode arrecadar para continuar mantendo o ponto de cultura, ou a um produto pronto que pode ser vendido e a partir daí conseguir o capital desejado. Se pensarmos somente assim, não estaríamos trabalhando economia solidária, e sim com capitalismo ativamente disfarçado de economia solidária.

Estamos nos referindo ao ganho imaterial, aos impactos sociais, relacionados às ações desenvolvidas pelos grupos, para aquelas pessoas que participam dele. A solidariedade envolve uma produção responsável, que ganha o empoderamento das pessoas, num sentido horizontal, não verticalizado, mas que deixa a autogestão, a participação e o aprendizado coletivo, serem mais fortes que as cifras registradas, no final de um ciclo de trabalho.

Damos assim a perceber até agora que vivenciamos duas culturas bem distintas, a cultura capitalista, cujo trabalho é centrado no individualismo, na competição, na geração de lucro, onde todos esses fatores favorecem o egoísmo, que nos é colocada de uma forma desigual, que desconsidera o contexto e as particularidades dos grupos sociais. Por outro lado, já mais recente estamos vivenciando uma nova forma de economia, que é a solidaria, centrada no coletivo, no desejo de mudança, na igualdade social.

As práticas de economia solidária são bem variadas, eles não se dão somente no universo produtivo, como já foi citado, temos como exemplo a Produtora Cultural

Colaborativa, que é “uma Tecnologia social onde reúne um conjunto de práticas formativas em software livre, metodologias de inclusão digital e produção cultural comunitária orientadas pelos princípios da economia solidária” (REDE, 2017). Ou seja, a cultura do virtual, aglutinado com práticas colaborativas tende a ganhar muito mais.

Iniciativas como essa foram desenvolvidas pela união de sete pontos de cultura do Pernambuco, que se articularam para prestar serviços na área de produção cultural local, fazendo do colaborar um sentimento de soma e não de perda, assim fazer com o outro é proporcionar um ganho mais que o financeiro e sim, é fortalecido o tecido social, a produzir algo para além do dinheiro, exemplo como o do ponto de cultura pernambucano que faz no coletivo, ali as ações são “realizadas em tele centros onde jovens, produtores e gestores culturais, (...) criando e comercializando produtos e serviços da economia criativa em software e licenças livres e de forma autogestionária” (REDE, 2017). Ali:

Na Produtora Cultural Colaborativa é estimulada a troca direta. Entre outros casos, o artista que quer realizar um show ou gravar um CD pode trocar o serviço de produção por uma oficina, uma intervenção, ou outra forma de colaborar. Além disso, a produtora também promove a formação de jovens. (REDE, 2017)

E mesmo as ações do Brasibes que realiza um serviço de base social investindo em recursos humanos hoje, a partir do repasse de conhecimento, do saber fazer (tocar junto), ter seus talentos expostos como forma de apresentar seus produtos”(solos, duetos, conjuntos) para colher amanhã, ou mesmo no hoje quando tira da rua e dá um momento diferente a indivíduos que poderiam está, ao contrário, difundindo desunião, e egoísmo, ao permanecerem na sociedade sem com pouco ou em nenhuma contribuição, pois manter a cultura de uma região é um papel de cidadania e repassar isso, como vemos alunos do Brasibes que iniciou suas aulas ali e agora é monitor é certamente um produto coletivo construído pelos sócios contribuintes e todos os demais componentes que se ajudam enquanto parte daquele grupo.

Seria o modelo do trabalho de economia cultural melhor que outros de cunho tradicional? Não no colocamos a discutir esse ponto, mas sim dizer que a economia cultural solidária é uma versão atual, de qualidade, diante a outras tantas que tanto são dispostas no “mercado das ruas”.

Como víamos exemplificando verificamos no Distrito Federal, uma ação num mercado desativado dos anos de 1950, no espaço abandonado, que agora funciona

oficinas de teatros, shows e lojas de instrumentos, e foi a economia solidária que deu vida aquelas ruas abandonadas, a solução foi baseada na cooperação e democracia. Nossa economia é movimentada em diversos âmbitos pela cultura, e muitas delas de perfil solidário e isto produz uma grande troca de recursos.

No estado de São Paulo:

A Agência Popular Solano Trindade, por exemplo, permitiu o incremento nas trocas comerciais e o mapeamento das iniciativas culturais na região. A proposta da agência é fomentar e fortalecer a economia da cultura criativa, por meio do incentivo à produção e difusão da cultura popular. Para isso, a instituição procura criar formas de organização que possibilitem a sustentabilidade e autoprodução das ações culturais. (COELHO, 2016).

Ou seja, vários são os exemplos que podemos citar, cujo objetivo vão além das cifras financeiras, não estamos dizendo que esses modelos deixam ou são melhores que as práticas capitalistas de se ganhar renda, mas que possibilitam maneiras menos desiguais de lidar com as trocas, por serem de recursos, cifras ou materiais, para também, conhecimentos, investimentos motivacionais e que respeitam o trabalho conjunto com muito mais sensibilidade.

2.3 Empreendimentos de Economia Solidária

A economia solidária vem avançando nos últimos tempos, e isso está acontecendo com o surgimento de vários empreendimentos solidários, que é uma forma de comercialização diferente da que temos atualmente. Trata-se de uma economia inclusiva e igualitária, muito diferente do que é o capitalismo.

A economia solidária respeita o meio ambiente, produz corretamente sem utilizar mão de obra infantil, respeita a cultura local e luta pela cidadania e pela igualdade. A economia solidária implica comércio justo, cooperação, segurança no trabalho, trabalho comunitário, equilíbrio de gênero e consumo sustentável (produzido sem o sofrimento de pessoas ou de animais). (GADOTTI, 2009, pág. 24)

No capitalismo, existe um único dono que é o patrão, os demais são empregados assalariados. Não existe uma relação de igualdade, ao contrário, essa forma de economia capitalista é o que tem levado a grande desigualdade salarial, diferença enorme na distribuição de renda. O resultado disso é uma sociedade com rendas bem diferentes, uma desigualdade social, gerando todo tipo de preconceito.

Por outro lado temos a economia solidária, onde o trabalho coletivo é o grande diferencial. Nessa modalidade de economia o objetivo é a igualdade salarial, ou seja, trabalhar de forma coletiva para o bem comum, onde não existem patrões e empregados, todos são donos do empreendimento, onde as pessoas do grupo aprendem o que é autogestão, o que é gerir seu próprio negócio, a solidariedade e o companheirismo são fatores importantes nesse novo modelo de economia.

Segundo Singer “A empresa solidária nega a separação entre trabalho e posse dos meios de produção, que é reconhecidamente a base do capitalismo” essa nova forma de economia é inclusiva, trabalha a qualidade de vida das pessoas, é mais humana e igualitária. É uma forma de diminuir a desigualdade social, provocada pelo capitalismo.

A empresa capitalista pertence aos investidores, aos que forneceram o dinheiro para adquirir os meios de produção e é por isso que sua única finalidade é dar lucro a eles, o maior lucro possível em relação ao capital investido. O poder de mando, na empresa capitalista, está concentrado totalmente (ao menos em termos ideais) nas mãos dos capitalistas ou dos gerentes por eles contratados. (SINGER, 2002, pág.1)

E nesse contexto o Brasibes é um empreendimento solidário? Vamos pensar um pouco: Segundo Gadotti: “Hoje, a economia solidária destaca-se como um rico processo em curso, regido pelos princípios da solidariedade, da sustentabilidade, da inclusão social e da emancipação.” E o Brasibes é um grupo de associados buscando um resultado positivo social (primeiro ponto); existe apesar de pequeno, um fluxo financeiro, mas que não gera lucro e sim sobras que são investidos em cada vez mais materiais e insumos para manter a aulas e as ações do grupo (segundo ponto); tem sustentabilidade autogestionária, pois as entradas financeiras são contínuas e planejadas para o custeio mínimo de viabilidade, ou seja, por não manter custos com professores, que são voluntários, o projeto consegue manter suas aulas (terceiro ponto).

Mas para ser considerado um grupo de economia solidária os sócios não teriam um retorno comum? E tem, como observamos, eles têm um retorno subjetivo, de vínculo social, colaborativo e comunitário. Levando-os a manterem-se vinculados a associação vendo os frutos por eles cultivados. Os três pontos destacados permitem classificar e ajuda a classificar o Brasibes como um empreendimento de economia solidária, pois trabalha de forma coletiva, levando cultura e música aos mais carentes, além de ajudar a descobrir novos talentos.

Todas as decisões a serem colocadas em práticas no empreendimento solidário são tomadas em conjunto, para o bem comum, é um grupo permanente, que enfrenta

muitos obstáculos, mas que está seguindo em frente, escrevendo uma nova história com as famílias envolvidas nessa associação, e seu lucro como dissemos não poderia ser diferente é um lucro cultural ratificamos:

De acordo com guia de orientações e procedimentos do Sistema de Informação de Economia Solidária - SIES, empreendimentos de economia solidária podem ser definidos como, organizações coletivas (cooperativas, associações, grupos, clubes de troca, redes, empresas autogestionárias), que dispõem ou não de registro legal e fundamentam-se nos princípios da cooperação, autogestão, solidariedade e ação econômica (BRASIL, 2009, apud BEGNINI, 2015).

Formalmente, os empreendimentos de economia solidária, são destacados pelas variadas maneiras de ações concretas da economia solidária. São grupos de pessoas que produzem e comercializam seus produtos e também ações com base nos princípios da economia solidária. Uma das ações que movimentam a economia solidária é a autogestão onde “todos os trabalhadores também são donos do empreendimento”. Esses grupos de pessoas são os principais protagonistas do seu empreendimento, ou seja, da sua autogestão. Estão obtendo autonomia, construindo sua história, conseguindo conviver de uma melhor forma nesse mundo capitalista.

Podemos afirmar que a economia solidária no Brasil vem sendo uma nova alternativa para geração de renda é um novo modelo, nova prática econômica que vem se fortalecendo já que o capitalismo vem apresentando fragilidade com relação ao modo de trabalho, levando ao aumento do desemprego, da desigualdade social e da informalidade, onde muitos trabalhadores abrem mão de seus direitos para garantir seu trabalho e a sobrevivência da sua família.

Desde os anos de 1980 que a economia solidária vem configurando o social dos trabalhadores, especificamente uma década depois, onde muitos trabalhadores perderam seus empregos, ou os que viviam na informalidade, viram na economia solidária uma chance para sobreviver, nesse mundo capitalista, a partir daí viram as transformações sociais.

A economia solidária passou a fazer parte da agenda do governo federal brasileiro e a ser incluída nas ações de políticas públicas, a partir de 2003. Sendo entendida como uma alternativa para a geração de trabalho e renda. (BEGNINI, 2015)

Diante de tantas dificuldades encontradas pelos trabalhadores, surgem os movimentos sociais, que são grupos de pessoas que lutam e buscam pelo mesmo objetivo, que é procurar por melhores condições de trabalho. Então, essas pessoas logo se unem,

para se tornarem mais fortes e para que possam ser ouvidos e atendidos com mais rapidez. Esses grupos dão ênfase e força para que os trabalhadores possam seguir na autogestão, para superarem as dificuldades e conseguirem geração de renda, e assim consequentemente uma melhor qualidade de vida.

2.4 Economia Cultural Solidária: O Caso Brasibes

Figura 1 – Logomarca do Brasibes



Fonte: <http://projetobrasibes.blogspot.com.br/>

O grupo Brasibes vem desenvolvendo um trabalho cultural e solidário, trabalho esse importantíssimo para a comunidade de Nova Floresta, são caracterizados como agentes culturais, empreendedores de cultura e inclusão social, pois ajuda a transformação social dos indivíduos que participam sejam como alunos, professor ou associado, desenvolvem entusiasmo, criam novas oportunidades para a descoberta de talentos, são sabedores da riquíssima diversidade cultural brasileira e colaboram para que mais pessoas consigam desenvolver seu talento artístico.

Segundo informações do Cadastro Nacional de Empreendimentos Econômicos Solidários (CADSOL) gerido pela Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego (SENAES/MTE), foi constatado que dos mais de 20 mil empreendimentos identificados, 33% declaram atuar diretamente no campo cultural. Ainda, por meio do relatório de avaliação do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRONINC) vê-se que a grande maioria dessas incubadoras possuem empreendimentos considerados culturais, notadamente com destaque ao artesanato, confecção e moda e produção artística. Somados, os setores culturais são aproximadamente 35% dos empreendimentos levantados pela referida pesquisa. (UNISOL BRASIL, 2016)

Portanto, poucas são as pessoas que percebem a importância de um grupo como o Brasibes na comunidade, são poucas as que investem para a continuação de um projeto desse nível, tendo professores muito bem qualificados, não falo somente do grau de estudo de cada um, mas da boa vontade e solidariedade, em deixar suas casas, trabalho e

tirarem um tempinho para ensinar para o próximo, aquilo que já se sabe, mas que querem promover esse aprendizado entre mais pessoas.

O desenvolvimento humano é resultado de um trabalho em comum, na evolução da teia da vida. Essa oportunidade de se desenvolver, o ser humano a encontra na educação e na cultura. Cada indivíduo para se desenvolver necessita da colaboração do outro. (GADOTTI, 2009, pág.45)

Vejo os alunos do mais novo até o mais de idade, com muita curiosidade em aprender, sempre atentos aos ensinamentos dos professores, o respeito é recíproco para ambos. São necessárias políticas públicas que facilitem o desenvolvimento de associações como essas, é preciso mais pessoas com visões altruístas como a de Lurdes Barreto, para que grupos assim consigam se solidificar e expandir, pois é um trabalho muito bonito que está sendo desenvolvido. As políticas públicas ajudariam a ser maior sua abrangência, e a cultura solidária poderia ser mais difundida.

(...) Enfim, que possamos a partir de ações mais integradas, e esforços conjuntos, promover a inovação cidadã que, no âmbito da cultura e da economia solidária, ocorre de forma processual, ou seja, equaliza sua potência ao seu território, seja ele uma comunidade, um bairro, uma cidade, ou uma rede virtual, produzindo valor social antes de valor de mercado. (UNISOL BRASIL, 2016)

O Brasibes desenvolveu exatamente isso: o valor social. Esse valor que é buscado nas crianças, nos jovens e adultos que estão lá para aprender e também desenvolver algum talento com os instrumentos musicais, que estão tentando se descobrir na música. É um projeto de caráter solidário, que une as pessoas e as incentiva, ajuda em sua transformação social, e valorizam sua região.

3. Metodologia

Nosso trabalho fundamentou-se na metodologia de pesquisa qualitativa. Segundo BOGDAN(1994) podemos obter dados de formas variadas, em nossa pesquisa trabalhamos com a aplicação de questionários, relatando o que foi dito e experimentado pelos colaboradores e participantes do projeto e suas oficinas.

Confeccionamos três modelos de questionários, que abrangeram os seguintes públicos, que fazem parte deste projeto: Os fundadores; os associados, alguns destes professores do projeto; e os alunos. A forma que conseguimos entregar os questionários foi de casa em casa, pois é muito difícil encontrar todos nos ensaios na sede, ou em

apresentações do grupo. Os resultados dos quantitativos e análise serão discriminados no tópico à frente, da análise dos dados.

Além do questionário, foi entregue também termos de consentimento a cada participante, apresentando a pesquisa e esclarecendo os objetivos dela e também os deixando conscientes sobre para que fim usaríamos os resultados obtidos. Foram realizadas algumas visitas na sede do Brasibes, onde acontecem os ensaios e reuniões. Também presenciamos o Recital de Natal, promovido pelo Brasibes para a comunidade, onde foi possível explicar a todos os presentes o intuito da pesquisa e pedir-lhes apoio quando da entrega dos questionários.

Marcos Silva⁵ se dispôs a sanar qualquer dúvida sobre a associação, além de nos indicar a visitar o blog do projeto no endereço <http://projetobrasibes.blogspot.com.br/>. Nesse blog são apresentados os cursos que o projeto oferece, a história da proposta, fotos e edital para ingresso nas oficinas. Usamos o blog para recolher parte das informações da história do projeto.

A partir das respostas coletadas, procuramos entender as motivações, as dificuldades, os desejos, as linhas, e entrelinhas ditas e escritas sobre esse projeto que vem desenvolvendo um trabalho significativo na comunidade de Nova Floresta, com suas ações de ensino de música, ajudando na formação cidadã dos jovens e na socialização dos adultos, sempre tendo em foco o trabalho coletivo e solidário.

Buscamos conhecer o perfil singular desse projeto que por meio de conversas, visitas, com roteiros e conversas na sede e na casa de alguns associados, enfim, procuramos relatar o estágio atual desse projeto, mas dando ênfase a sua história e ao seu trajeto percorrido para chegar até os dias atuais.

⁵ Marcos Silva, membro fundador e principal motivador e articulador do projeto. Tem sido uma peça fundamental para o êxito das ações, pois mantém viva a todo o momento a dinâmica das ações culturais, criando e possibilitando sua execução, como na gravação do CD e/ou mesmo a realização do Recital citado.



4. Análise dos dados e Resultados

* Quadro da linha do tempo de origem e história do projeto Brasibes, 2017



Fonte: dados da pesquisa, 2017

A associação conta com o quantitativo total de 42 sócios. Mas alguns não se mantêm ativos, os ativos como dissemos, investem cinco reais mensais. Muitos destes são fundadores do Brasibes e outros professores, que além de doarem recursos financeiros doam seu tempo para ajudar a comunidade.

Foram entregues 20 questionários, porém, alguns deles por diversos motivos não conseguimos retorno. Os resultados da nossa pesquisa fugirão da formalidade quantitativa, buscamos informar nossos resultados de forma mais discursiva e qualitativa.

A primeira impressão que nos resultou das conversas iniciais era que a associação era um grupo simples de pessoas que queriam ajudar as crianças carentes, recebendo colaboração financeira de sujeitos da comunidade. Porém, esse simplismo dado não mais foi se acomodando em nosso pensamento, pois em todas as conversas, cada visita percebeu algo mais complexo. No sentido de valorização do empreendimento.

Dona Lourdes Barreto, senhora que fez a base do projeto apoiada pela Família Ibes que colaborava com um pequeno grupo de acompanhamento educativo e cultural na igreja reflete o que passamos a expor: “o desejo de ajudar a juventude...” diz ela sobre o que apontaria como fundamental para o surgimento do Brasibes. Sobre ela e sua vontade de ajudar, foi à resposta a essa questão do Senhor Marcos Costa, membro fundador e agente indispensável para a manutenção do projeto: “foi dela que partiu a ideia de criar a escolinha de música... “sua visão empreendedora e altruísta, me sensibilizou e me fez organizar e coordenar o grupo”.

Mas seria somente a figura da Dona Lourdes o balizar do projeto? Outro pensamento simplista que começamos a reconstruir. Pois, a resposta de alguns, nos revela como “o município tem dificuldade de manter programas sociais deste tipo”, esse “tipo” pensamos construído com base numa rede de colaboradores voluntários. Ou seja, mesmo tendo um pilar (dona Lourdes), que poderia em outros modelos de projeto ter uma pessoa assim que dava significado, porém em sua maioria que também custearia o projeto. No Brasibes, ao contrário, as referências servem como credibilidade para o fortalecimento da soma de mais colaboradores que dividem os custos e os serviços da manutenção do projeto.

Foi assim o surgimento do projeto Brasibes que se deu pelo desejo de ajudar as crianças e jovens carentes do município de Nova Floresta, projeto esse que valorizasse a música como ensino, ajudando na formação pessoal e na vida profissional desses jovens.

Muitos pontos positivos foram alcançados desde o surgimento do Brasibes, um desses pontos foi promover o acesso gratuito às aulas de música a pessoas de idades variadas, desde jovens até um público com mais idade, para Nova floresta e região e isso já está acontecendo há sete anos. Ofereceu também aos alunos ações de cidadania através de oficinas, uma das oficinas tinha como tema “Nutrição em ação” desenvolvida pela estudante de Nutrição Kívia Angélica Dantas de Oliveira da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e também a oficina de “Historiografia de Música” promovida pela professora de História Darlene Maria de Araújo Silva, entre os anos de 2011 e 2013.

De acordo com os colaboradores, o Brasibes configurou como uma opção de acesso à cultura para os Florestenses e também para as pessoas das cidades vizinhas, através das apresentações públicas gratuitas, como o Recital de Natal, as apresentações nas festas de padroeiro, apresentações em solenidades, entre outras.

Esse projeto favoreceu a integração, discussão e divulgação do conhecimento através de participações em grandes encontros, como o festival de Flauta Doce, que acontece em Campina Grande-PB, anualmente, reunindo grandes nomes nacionais e internacionais, especialistas nesses instrumentos, e esses jovens tem a oportunidade de conhecer esses artistas e também tem o privilégio de apresentar seu trabalho representando com muito orgulho a cidade de Nova Floresta. O grupo participou das edições de 2013 e 2015 desses encontros. O grupo também é convidado para fazer apresentações em eventos e solenidades importantes em vários municípios da Paraíba e Rio Grande do Norte.

Uma das grandes conquistas desse grupo foi ter gravado e produzido um CD de música instrumental, interpretado pelos alunos, que além de resgatar músicas folclóricas e regionais, documentou o hino do município da cidade e também o hino do padroeiro São Severino Bispo. O projeto da gravação nasceu da ideia de registrar em formato de áudio o trabalho musical realizado com os alunos do projeto Brasibes, também era objetivo do grupo fortalecer os valores culturais da nossa região através do repertório que já era executado com os alunos, que eram as canções folclóricas, cantigas de rodas e músicas de compositores regionais

Figura 1 – capa do CD do Brasibes



Fonte: <http://projetobrasibes.blogspot.com.br/>

Também foram gravadas quatro músicas de Padre Zezinho que foram apresentadas nos recitais em eventos religiosos. Para isso foi elaborado um modesto orçamento a ser executado através do patrocínio de alguns comerciantes locais, e para reduzir os custos de produção, buscaram ao máximo à doação gratuita de serviços, assim toda gravação e edição do CD foi realizada sem custos, no próprio Home Studio do professor Marcos, já a mixagem foi realizada por um amigo de Marcos também em Nova Floresta, outros músicos profissionais (amigos) participaram com músicas adicionais sem cobrar cachê, mas a grande maioria das músicas foram os alunos do projeto que tocaram. As despesas com a gravação do CD foram:

- ✓ O pagamento dos direitos autorais das músicas de Padre Zezinho e de Luiz Gonzaga às editoras Paulinas/COMEP e Fermata do Brasil.

- ✓ Como também o pagamento da masterização realizada pela NG2 Assessoria Fonográfica, em São Paulo.
- ✓ A prensagem de 1.000 cópias originais do CD, pela Microservice, em Manaus-AM. O CD foi produzido entre janeiro e outubro de 2011 e lançado em 25 de dezembro, no aniversário de dois anos do projeto.

Porém, o grupo enfrenta muitos obstáculos, sendo que o maior deles é a escassez de recursos financeiros para o funcionamento adequado do projeto. Nossa pesquisa contou com a resposta de dezessete membros da associação. Os membros da associação contribuem para o pagamento da conta de luz do espaço onde acontecem às aulas, para as impressões /xérox de material, para os alunos, alugar transporte para as apresentações em outras cidades e também pagar a alimentação dos alunos durante as viagens.

Outro obstáculo enfrentado é a falta de instrumentos musicais, justamente por causa dessa falta de recursos financeiros, muitos alunos chegam a se inscrever, mas, não podem participar do projeto, pois, não tem condições financeiras para comprar um instrumento musical. É notável nas respostas à vontade em conseguir uma estrutura de palco mesma que pequena, e instrumentos musicais suficientes para aqueles alunos que querem participar do projeto, mas não tem condições para se manter nele, além disso, existem alguns professores que não tem uma renda estável, o desejo do coordenador era de pagar uma bolsa em dinheiro para eles, que seria uma grande ajuda financeira.

A primeira turma foi formada em 2009, todos os alunos eram oriundos de famílias carentes, que frequentavam aulas de reforço no salão paroquial da igreja de São Severino Bispo. Até 2014 só se tinha um único professor no projeto, o que não tornava possível, abrir novas vagas para a comunidade, porém a medida que os alunos foram fazendo apresentações em alguns eventos, alguns pais procuravam o professor Marcos para inserir os filhos no projeto, dessa forma foram surgindo novos alunos e o grupo foi crescendo, em 2015 esse mesmo professor conseguiu que mais quatro amigos músicos, embarcassem voluntariamente nesse projeto, assim foi lançado pela primeira vez um edital, ofertando quarenta vagas para alunos.

As oficinas eram para dez instrumentos diferentes como: Escaleta, Saxofone, Contrabaixo, Teclado, Percepção Musical, Violão, Flauta Doce, Flauta Transversal, Trompete e Trombone. A divulgação e as inscrições eram apenas on-line, os pré-inscritos compareciam, para efetivar a matrícula munida de cópias de documentos pessoais na sede do Brasibes. Em 2015 o número de inscritos foi proporcional ao número de vagas

ofertadas, com isso não foi necessário realizar seleção, já no ano de 2016 foram oferecidas cinquenta vagas, incluindo os alunos veteranos, nesse ano o número de inscritos foi superior as vagas, mas os professores decidiram acolher todos, formando turmas maiores e criando turmas extras, como foi o caso da oficina de violão.

O grupo decidiu não selecionar, pois, entenderam que o caso da divulgação e inscrições serem exclusivamente “on-line” já era de fato uma forma excludente, porém eram as condições financeiras que não permitiam ampliar o número de vagas a um público maior, “infelizmente”, respondeu o coordenador.

Inicialmente, o Brasibes foi pensado para ser destinado a crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, mas a partir do ano de 2015, quando foi ofertado as vagas formalmente a comunidade através de um edital, foi decidido aceitar também adultos, fixando apenas um limite inferior de oito anos de idade para o ingresso no projeto. Mesmo assim devido à demanda foi incluídos alunos de seis anos no projeto, no ano de 2016 a faixa etária dos alunos foi de seis até sessenta anos, e com cinco professores voluntários. O projeto é divulgado pelo blog na internet⁶ e também nas rádios.

Figura 3 – Imagem da página do blog do Brasibes



Fonte: <http://projeto-brasibes.blogspot.com.br/>

⁶Endereço do blog: (ProjetoBrasibes.blogspot.com). Facebook:(www.facebook.com/Brasibes). Youtube: (www.youtube.com/user/Brasibes).

Para os membros da associação, o projeto Brasibes conseguiu e conquistou professores voluntários por ter se consolidado com um projeto sério, desenvolvido por uma equipe dedicada, que propicia construção mútua do conhecimento pela interação de alunos e professores. A prática de conjunto, a composição coletiva, e as aulas propriamente ditas que são experiências enriquecedoras para o currículo fazem esse projeto acontecer, mas o grande mérito é dos próprios professores que com carinho e boa vontade, dedicam parte do seu tempo, para compartilhar voluntariamente seus conhecimentos e experiências acumuladas, com pessoas que não puderam ter as mesmas oportunidades, mas tem igualmente o desejo de viver e se expressar musicalmente. Este foi e é o diferencial para manter o trabalho voluntário no projeto Brasibes.

Além do mútuo desenvolvimento musical de alunos e professores e do ganho cultural para toda a comunidade beneficiada por novas apresentações públicas, o projeto alcança outros ganhos sociais e emocionais, além de ser uma forma de afastar os jovens da marginalidade e criminalidade que infelizmente assola nossa região. E com alegria sabemos que alguns dos primeiros alunos do projeto já atuam profissionalmente na área musical, alguns são professores particulares de música, outros formaram grupos musicais e fizeram shows, ou seja para eles a música se tornou também uma fonte de renda, além de toda essas conquistas o trabalho no Brasibes também estimula o desenvolvimento da coordenação motora, além de dá concentração e o mais importante reforça os vínculos sociais e afetivos, que com essa modernização vem diminuindo.

Um dos grandes objetivos que o projeto vislumbra para o futuro é a construção de uma sede própria, com espaço adequado para as atividades desenvolvidas, como também aquisição de uma estrutura pequena de palco e som para as apresentações ao ar livre. Condições financeiras para expandir a oferta de vagas e oferecer instrumentos musicais e bolsa em dinheiro para alunos carentes e professores sem renda estável. Buscar sempre o aprimoramento dos que fazem o Brasibes, para continuar atendendo os anseios dos jovens que buscam desenvolver suas habilidades musicais, despertando a consciência e responsabilidade, dessa forma ajudando a formar melhores cidadãos para nossa comunidade.

Os professores do projeto Brasibes responderam que se sentem orgulhosos e satisfeitos em participar desse grupo e buscam ajudar a desenvolver a cultura na cidade, como também desejam que o projeto continue crescendo, e pretendem continuar colaborando em quanto puderem, para que o projeto continue gerando bons frutos para a comunidade de Nova Floresta e região.

Alguns alunos entrevistados participam do projeto como forma de entretenimento e estão no projeto a um ano ou mais, esse grupo de alunos tem idades entre 28 anos e 60 anos, acreditam que a música é relaxante, que é um privilégio aprender um instrumento que sempre tiveram vontade. Alguns pretendem continuar no projeto como alunos e outros como colaboradores, pois não pretende usar a música como fonte de renda, mas quer ver o projeto crescer, pois as pessoas envolvidas são responsáveis e muito gentis e estão ajudando as crianças e jovens da cidade a descobrirem seus talentos.

Os sócios do projeto pretendem continuar colaborando, se sentem satisfeitos e quer ver o projeto se desenvolver ainda mais, pois estão abrindo caminhos para novos profissionais, acreditam no trabalho sociocultural do Brasibes, pois enquanto ensinam música também ajudam na formação desses alunos, acreditam que nesse projeto podem ser descobertos muitos talentos. Alguns sócios responderam que colaboram também porque tem filhos no projeto, mas a grande parte se senti feliz em colaborar e acreditam no potencial dos alunos. O sócio Kydelmir Dantas comparou a realidade do Brasibes com a Asa Branca “E a realidade é que nem a ASA BRANCA que vai na seca e vem na pegada do inverno. Assim é o BRASIBES” (Kydelmir Dantas).

5. Considerações Finais

Analisando o projeto Brasibes a partir de questionários e entrevistas, foi possível entender o perfil solidário e multiplicador de talentos deste grupo, ele é uma ação de cidadania e de empreendimento coletivo que leva ensino de música a um público carente e de idades variadas, aonde esse ensino vem se transformando em geração de renda, qualificação profissional, e também uma realização pessoal.

A construção deste projeto se deve a visão futurista e generosa de Lourdes Barreto, que vem durante anos se dedicando a trabalhos sociais, ajudando a comunidade mais carente de Nova Floresta, foi com seus esforços que foi possível a criação da “escolinha de música”, como era chamada inicialmente, e que para dar continuidade a esse projeto, Também destacamos a importância e comprometimento do professor Marcos Silva, que se empenhou para o crescimento e continuação do projeto, com toda sua humildade, boa vontade e amor pela música, se transformaram na melhor receita para a concretização de um projeto tão bonito, talvez se não fosse esse entusiasmos dele, o projeto não teria se sustentado até hoje, pois sabemos das dificuldades enfrentadas.

Desde o início o público alvo do Brasibes eram crianças e jovens, esse foi o objetivo do grupo, ajudar essas crianças e jovens em vulnerabilidade social, ajudando-os a descobrir seus talentos e ajudá-los em sua formação cidadã. Com o tempo foi percebido a necessidade de abrir esse espaço para novos públicos, então se fixou apenas uma idade mínima, com isso o número inscrito de alunos adultos com idades entre 28 e 60 anos, apareceu consideravelmente. Para esse público adulto o ensino de música aparece como um relaxamento, como atividade que propicia prazer, uma atividade para distraí a mente e o coração, mas também como uma oportunidade de aprender um instrumento que sempre tiveram vontade e nunca oportunidade, mesmo esses alunos não querendo seguir com a carreira de músicos profissionais, esse desejo de tocar algum instrumento, povoava os pensamentos.

Essa ação vem sendo desenvolvida há sete anos, é motivo de orgulho para toda comunidade florestense, já gerou e continua gerando muitos frutos, exemplo disso são alguns ex-alunos, que hoje já são professores de música particular, outros participam de bandas, que já fazem apresentações em outras cidades, ou seja a música também se tornou uma fonte de renda, para eles. Além disso, a música conseguiu ajudar muitas crianças e jovens a se manterem afastados da violência que infelizmente assola a cidade e nossa região. Também ampliou a visão cultural e reafirmou os vínculos sociais e afetivos, que vem se perdendo com o avanço das novas tecnologias.

Esse projeto é valioso, reuni professores excelentes, que além de bons profissionais também são pessoas muito generosas, pois conseguem tempo para se dedicarem aos trabalhos voluntários, de ensino de música a quem não teve a mesma oportunidade, tudo isso com muito carinho e prazer. Foi possível notar esse sentimento de carinho, dedicação e gratidão, nos discursos em apresentações, nas aulas aplicadas no dia a dia, esse projeto vem construindo valores de aprendizado que serão carregados pelo resto da vida desses alunos e também ficará marcado nos professores.

Esse sentimento de satisfação que se manifesta nos professores, da mesma forma é também observado pelos sócios, que são pessoas comprometidas com o Brasibes, pois acreditam no potencial dos alunos e quer ver o projeto crescer. O retorno pela contribuição ofertada pelos sócios são os agradecimentos, apresentações culturais públicas, e o reconhecimento do projeto pela região. Muitos dos sócios não acompanham o grupo, em ensaios ou apresentações nem mesmo quando essas apresentações são na própria cidade, mesmo assim não deixam de contribuir, pois são conscientes da importância da

continuidade desse projeto para comunidade de Nova Floresta, e também do trabalho dedicado que é desenvolvido pelos membros do projeto.

Dentre tantas conquistas alcançadas pelo grupo, a das maiores delas foi a gravação do cd, com as músicas todas autorizadas pelas editoras, esse momento para o projeto representa uma história de ascensão, uma grande conquista. O Brasibes também enfrenta muitas dificuldades, como muitas associações, porém o companheirismo, a solidariedade, o desejo pela valorização cultural, fazem toda diferença e a cada dia o entusiasmo do grupo cresce ainda mais, dessa forma o projeto Brasibes só tem a crescer e aprimorar seus participantes para o profissionalismo, como também para a vida pessoal.

Referências:

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Apoio à implantação de ações integradas de Economia Solidária como estratégia de promoção de desenvolvimento territorial sustentável visando à superação da extrema pobreza.** Termo de referência Vol. I. 2013. Disponível em <http://www.mtps.gov.br/images/Documentos/EconomiaSolidaria/PlanoAcoesIntegradas.pdf>, acesso 05 maio de 2016.

BEGNINI, Andréia Casagrande, et all. Característica dos empreendimentos de economia solidária inseridos do território rural oeste catarinense. **Anais, IX Encontro de Economia Catarinense, Unochapecó, 2015.** Disponível em <http://apec.pro.br/anais-dos-eventos/ix-encontro-de-economia-catarinense>, acesso em 20 de janeiro de 2017.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução Maria J. Alvarez, Sara B. Santos e Telmo M. Baptista. Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.

COELHO, Cecília. **Economia solidária dá novo fôlego à cultura.** Assessoria de Comunicação do Ministério da Educação. 2016. Disponível em http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques//asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/id/1317188, acesso em 10 de julho de 2017.

CRUZ, Érica. Et al. **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil: políticas e práticas.** Disponível em <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0326.html> acesso em 08 maio de 2016.

CONAE. **Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB 11/2000 e Resolução CNE/CBE nº 1/2000.** Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, maio 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42ª edição.

GADOTTI, M. **Economia Solidária como práxis pedagógica** /Moacir Gadotti. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. (Educação Popular)

INSTITUTO VOTORANTIM. **Produção cultural na economia solidária.** 2012. Disponível em <http://www.blogacesso.com.br/?p=5428>. Acesso em 10 de julho de 2017.

LEITE, Marcia de Paula. **Economia solidária e o trabalho associativo teoria e realidade.** Revista Brasileira de Ciências Sociais- vol. 24 nº 69, fevereiro de 2009.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. **EJA: Uma Educação Possível ou Mera Utopia.** Revista Alfabetização Solidária (Alfasol), .5, 2005.

NICOLAU, Georgia. **Economia da Cultura e Economia Solidária: uma relação possível e necessária.** Notícias Nov/2015. Disponível em <<http://www.unisolbrasil.org.br/economia-da-cultura-e-economia-solidaria-uma-relacao-possivel-e-necessaria>>, acesso em 20 de janeiro de 2017.

REDE INDEPENDENTE DE CULTURA E CIDADANIA – PROJETO ITEIA. **Produção cultural na economia solidária.** 2017. Disponível em <<http://www.iteia.org.br/produtora-cultural-colaborativa>>, acesso em 10 de julho de 2017.

SINGER, P. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil.** In: Boaventura de Sousa Santos (org.) Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Apêndice – Questionários

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Centro de Educação e Saúde – CES / Cuité
Aluna: Vanessa Lays oliveira dos Santos
Orientadora: Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos

Projeto Brasibes, Nova floresta – PB

QUESTIONÁRIO 1

Perfil: Membro fundador

1- Qual seu nome completo e idade?

Qual sua atuação na comunidade?

2- O que você apontaria como fundamental para o surgimento do projeto Brasibes?

3- Caso fossemos indicar os pontos positivos já alcançados, o que citaria?

4- Quais os maiores obstáculos no desenvolvimento do projeto?

5- Qual o método para selecionar alunos para o projeto?

() Entrevista

() prova

() Escolha aleatória

6- Quantos são os sócios?

() De 10 à 20

() De 10 à 30

() De 10 à 40

() De 10 à 50

7- Qual a faixa etária dos alunos?

8- Quantos professores voluntários têm no projeto?

9- Manter voluntários em qualquer instituição é muito difícil. Como o Brasibes consegue mantê-los.



10- Qual o meio de divulgação do projeto?

11- Sabemos que já houve até mesmo a gravação de um CD. Descreva um pouco a trajetória desta gravação?

12- No seu ponto de vista quais pontos positivos o projeto está desenvolvendo na vida dos seus alunos e colaboradores?

13- Quais os objetivos que o projeto vislumbra daqui pra frente?

QUESTIONÁRIO

Perfil: Aluno

- 1- Qual seu nome completo e idade?

- 2- Freqüenta a escola? Qual série?

- 3- Como conheceu o Projeto Brasibes?

- 4- Seus pais aprovam o projeto?

- 5- De que grupo você participa e qual instrumento você estuda atualmente?

- 6- Onde são os ensaios?
() Casa paroquial
() salão alugado
() Escola
- 7- O que levou você a participar desse projeto?
() Entretenimento
() Gosto musical
() Outro _____
- 8- Quanto tempo participa do projeto?

- 9- Quais cidades já se apresentaram?

- 10- Qual o período do ano que mais tem apresentações?

- 11- Onde acontece essas apresentações?

- 12- O que o projeto está mudando na sua vida?

13- Deseja continuar no projeto e tentar usar a música como meio de vida?

14- O que acha dos professores e da coordenação?

QUESTIONÁRIO

Perfil: Membros da Associação

1- Qual seu nome completo e idade?

2- Qual o valor da sua contribuição mensal?

3- Qual seu objetivo em contribuir?

- () Ajudar a desenvolver cultura na sua cidade
- () Tem filhos ou algum parente no projeto
- () Acredita que o projeto está gerando bons frutos
- () Outro _____

4- Qual o retorno dessa contribuição para você?

5- Sempre tem apresentações do grupo Brasibes na cidade para população de Nova Floresta. Você participa?

6- Pretende continuar colaborando?

7- Como se senti em relação ao projeto?

- () Feliz em colaborar
- () Acredita no potencial dos alunos
- () Quer ver o projeto crescer

Anexo I – Relatório de Imagens

1.1 – Projeto Brasibes





1.2 – Recital do Brasibes 2016 – visita in loco



1.3 – Maria de Lourdes Santos - Idealizadora do Brasibes



1.4 Oficina de Nutrição



1.5 Oficina de Historiografia



1.6 Apresentação do Recital de Natal na sede do Brasibes



1.7 – Divulgação do Brasibes na rádio



1.8 – Sede do Brasibes



Anexo II – Termo de Consentimento

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Vanessa Lays Oliveira dos Santos e gostaria de conversar com o(a) senhor(a) sobre uma pesquisa que estamos fazendo pela UFCG. Esta pesquisa é sobre o projeto Brasibes desenvolvido na cidade de Nova Floresta. Um dos objetivos desta pesquisa é conhecer melhor o trabalho desenvolvido por esse grupo que leva música e cultura a um público de idades variadas dessa cidade.

Este trabalho está sendo realizado pela Universidade Federal de Campina Grande, sob o título “Música Educação e Solidariedade: Projeto Brasibes muito mais que ensino de música” e não tem nenhuma relação com governo ou outra instituição. Nossa finalidade única é obter informações sobre as práticas solidárias desenvolvidas no projeto Brasibes, e, dessa forma, a participação do(a) senhor(a) não implica em nenhum benefício material como o recebimento de doações de alimentos ou a inclusão em programas governamentais.

Caso concorde em participar da pesquisa, será realizada uma entrevista com o(a) senhor(a), onde serão perguntadas informações sobre sua participação no projeto Brasibes, como esse projeto entrou em sua vida, quais obstáculos enfrentados e quais perspectivas para o futuro.

O(a) senhor(a) não é obrigado(a) a participar da pesquisa e se não participar isto não vai lhe trazer prejuízos. O(a) senhor(a) poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e por qualquer motivo.

Os resultados deste trabalho deverão ser divulgados em revistas científicas, mas com a garantia de que, em nenhuma circunstância, as identidades dos entrevistados serão identificadas.

Se todas as suas dúvidas foram esclarecidas, pedimos o seu consentimento para incluir-lo(a) como participante da pesquisa. Se tiver qualquer dúvida sobre o estudo, pode entrar em contato com a coordenadora da pesquisa Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

Responsável pela Pesquisa
Vanessa Lays Oliveira dos Santos

Orientadora da Pesquisa
Profª Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos
Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Educação e Saúde /Unidade Acadêmica de Educação Tel: (83) 3372-1900

AUTORIZAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e concordo em participar da pesquisa “Música Educação e Solidariedade: Projeto Brasibes muito mais que ensino de música” e com a publicação dos resultados.

_____ de _____ de 2016.

Assinatura do entrevistador

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Assinatura da testemunha

UFCG/BIBLIOTECA